

# ***Vozes anoitecidas: a linguagem como mediação do reconhecimento de consciência de si***

*João Pereira Pinto\**

**E**ste trabalho visa refletir a partir do conto “Afinal Carlota Gentina não chegou de voar?”, de **Vozes anoitecidas**, de Mia Couto, sobre a aplicabilidade documental das fases da literatura africana. Vê como implicadas as questões: para que, para quem e como escrever. Face aos sonhos da personagem narradora, trabalha-se o uso da linguagem, em Mia Couto, como mediação do reconhecimento da consciência de si e, portanto, dos sonhos dos moçambicanos e, por extensão, do terceiro mundo.

Segundo Craveirinha, no prefácio à edição portuguesa de **Vozes anoitecidas**, esta obra de Mia Couto significa um elo com **Godido**, de João Dias, e **Nós matamos o cão tnhoso**, de Luís Bernardo Honwana. Buscamos-lo em nossa análise dado que através dele há a síntese das quatro fases da literatura africana, a saber: identidade, revolta, luta e nacionalidade.

A seqüência do conto, assim se apresenta:

- 1) “Senhor Doutor, lhe começo”;
- 2) “Asas no chão, brasas no céu”;
- 3) “Sonhos da alma acordaram-me o corpo” e
- 4) “Vou aprender a ser árvore”.

Pode-se dizer, conforme tese de Propp que, parte-se do dano ou carência do herói como leitmotiv da narrativa. Daí, partimos da necessidade da personagem escrever a sua história para que o Doutor das leis a defenda perante o tribunal, a história propriamente dita, contada na 2ª e 3ª parte do conto; e o desfecho: “vou aprender a ser árvore”.

---

\* Professor do Departamento de Filosofia e Teologia da PUC Minas. Mestre em Letras, área de Literaturas de Língua Portuguesa, pela PUC Minas.



## A necessidade de escrever a sua história

*O senhor, Doutor das leis, me pediu de escrever a minha história. Aos poucos, um pedaço cada dia. Isso que eu vou contar o senhor vai usar no tribunal para me defender. Enquanto nem me conhece. ("Afinal, Carlota Gentina não chegou de voar?" p. 85)*

Essa literatura que canta a sua aldeia, que levanta os problemas que lhe são peculiares, consideramo-la universal. Vimo-nos dentro dela. De imediato, é todo o terceiro mundo, e não apenas Moçambique, que tem as suas contradições na expressão de sua(s) cultura(s). Do mesmo modo, o primeiro e o segundo mundos podem também aí ser problematizados. E pela mesma razão.

A literatura moçambicana, pobre em quantidade, é extremamente rica em qualidade. E como tal deve ser conhecida, deve povoar o mundo, superar os seus problemas editoriais, o analfabetismo, vir a ser lida local e internacionalmente.

*Mas para quê escrever?*

Pelo primeiro e mais acentuado motivo de se conhecer a si mesmo. De refletir com profundidade sobre a sua própria vida e sobre a realidade concreta de seu existir no mundo.

*Para quem escrever?*

Para um público leitor e, especialmente, para si mesmo, pelo motivo já enunciado. A busca de seus mitos revela bem isso. Se a literatura é consagrada uma arte, ainda que não tenha essa intenção, é documento também. Por ela se pode estudar tão profundamente quanto nos tratados da História, das Ciências Sociais e Humanas, a História desse lugar e dessa vida, e desse povo, hoje, maioria analfabeta, povo distribuído em povos, cada um falando uma língua diferente. E para isso, o escritor se apropria da língua do colonizador e conta a história do seu povo nessa língua. Amanhã, poderá ter sido vencido o problema do analfabetismo; mas, hoje, que outros leitores além de si mesmo e dos poucos que lêem? Há dirigentes nesse país que são letrados. Há problemas desse país que vão para além de si próprio e no resto do mundo há letrados. E podem ler, para que conheçam também a si, mediatizados pelos problemas pertinentes a Moçambique, Brasil e todo o resto do mundo, dando possibilidade de que outros povos também o façam.

*Para qual ordem escreve esta personagem do conto?*

Há uma ordem externa e uma ordem, ainda mais importante, no interior da personagem. O raciocínio bem pode ser o anterior. É preciso recuperar a História, e para isso entendemos a obra de Mía Couto como uma representação que opera a síntese da História Colonial e da História presente, pós-indepen-

dência. Os leitores tanto podem ser do Brasil, de Portugal, de Angola, de Cabo Verde, da Guiné, de São Tomé e Príncipe e do resto do mundo; mas, fundamentalmente, serão os que lutam em Moçambique pela identidade e pela construção de sua nacionalidade.

*De que ordem fala o conto?*

Parece-nos que não diferentemente das outras questões, a ordem tão bem instaurada, ao longo do tempo, pelos escritores moçambicanos, a ordem da consciência de cada homem, pois, como no termo de abertura de **Vozes anoitecidas**: “o que mais me dói na miséria é a ignorância que ela tem de si mesma”.

Finalmente, *como escrever?*

Somente através de um resgate histórico que outro objetivo não tem se não projetar um futuro isento das contradições do presente, e que acontece no espaço da letra, preservando-se, porém, a arte da oralidade, por via da qual o imaginário processa e garante a carga simbólica dessa cultura autóctone. A língua do colonizador, então, vai se articular transformada em expressão da narrativa africana. É que, no território da escrita, a valorização da “diferença”, sedimentada na letra, vai se confrontar com a tentativa de fazer com que a cultura moçambicana também se sedimente pela sua inserção no espaço hegemônico da expressão literária em Língua Portuguesa.

Esse processo de construção da narrativa é também o processo de construção da identidade, que o imaginário vai denunciar. Se o conceito de nação não pode eliminar a diferença, a sua incorporação formal vai balizar a ambiguidade cultural. Por vezes, então, a literatura moçambicana vai articular-se, trazendo a oralidade para a escrita, reafirmando-se no espaço da escrita os valores tradicionais.

### **A história propriamente dita**

*Que dano ou carência da personagem narradora desencadeia a sua história?*

A necessidade de se defender frente ao tribunal. A exigência do Doutor das leis de que escreva a sua história para que este o defenda. O seu dano, de que carece se defender, é ter matado a sua mulher, irmã de uma suspeita de ser *nóii*.

Não será analisado, no momento, o conteúdo da crença no parentesco da mulher com uma *nóii* e na possibilidade de também ela ser uma *nóii*. Mas, quer este trabalho documentar o fato de o escritor beber o que há de arquétipo na sua cultura, buscar as raízes profundas da alma de seu povo, se banhar nas águas dos mitos de sua gente e querer resgatar-lhe a sua história.

Passando à parte terceira do conto, “Sonhos da alma acordaram-me o corpo”, aproveitamo-la para reforçar a tese de que são extremamente significativos os conteúdos desses sonhos e é muito importante problematizá-los dado que são problemas do povo moçambicano, mas também de outros povos, seus leitores.

No primeiro sonho, a mulher está ao pilão pilando as lágrimas do marido. É o sofrimento da personagem que aí é pilado. O arfar de seu coração é o responsável pelo barulho, como se este fosse emitido do pilão. No segundo sonho, ele assiste a sua própria morte e vê o seu sangue escorrido no corredor. Chama-o de sangue órfão, uma vez que o percebe separado do membro que seria o seu gerador. E é a própria mulher que junta o sangue e devolve-o ao seu corpo reanimando-o. E mais, ele que é apenas considerado um número é agora chamado pelo nome.

Voltando à questão da morte da mulher, é muito rica a significação dela ser um pássaro. Pode significar o seu desligamento da materialidade ou a busca daquilo que pudesse constituir a sua alma, ou a própria consciência que leva a personagem a se estranhar e a ter de agir. Limitamo-nos a essa última, à questão do estranhamento da personagem narradora face aos seus iguais como se fossem estranhos e elementos de outro mundo. Pensamos que o pouco conhecimento que se tem do outro reflete o pouco conhecimento que tem de si mesmo. Daí, a necessidade da problematização da própria consciência.

Uma vez assassinada a mulher, é ela mesma que volta a incomodar o narrador em seus sonhos. E, ao pilão, essa mulher ou a consciência do narrador, quanto ao tratamento dos semelhantes, pila essas lágrimas de quem tem a consciência da terrível contradição de seus problemas e de sua dificuldade para enfrentá-los.

Quanto ao sangue órfão, pensamos que essa força vital foi esvaída pela própria situação dos moçambicanos, ao longo do período colonial, de sua exploração pelo colonizador, de seu empobrecimento. É órfão, está desligado do membro que lhe foi a fonte, do mundo que lhe foi a fonte e que, hoje, tem um volume tão grande de analfabetos, de poucas possibilidades de editoração, onde o povo se encontra dividido em povos. Parece-nos que o sangue, agora, recolhido e devolvido ao corpo dessa personagem, é a força vital que faz com que o narrador, ou os escritores que se encontram em ação, possam continuar na sua luta.

Cabe ressaltar ainda que nas divergências e diferenças de percepção da realidade dentro de um mesmo mundo, quer seja Moçambique, como de resto em todo o mundo, os homens são considerados como número, como o presidiário tem assinalado. Ou é problema social, daí é indexado, compondo a quan-

tidade desses problemas, ou é instrumento de produção e como tal é quantificado para a significação do produto. Em ambos os casos, há uma identidade perdida carecendo de ser recuperada.

### Desfecho

*De escrever me cansei das letras. Vou ultimar aqui. Já não preciso defesa, Doutor. Não quero. Afinal das contas, sou culpado. Quero ser punido, não tenho outra vontade. Não por crime, mas por engano. Explicarei no final qual é esse engano. Há seis anos me entreguei, prendi-me sozinho. Agora, próprio eu me condeno. (Vozes anoitecidas, p. 92)*

É muito rica a insinuação desse engano. É alguém que não quer só a defesa de um estranho à sua cultura. E esse é o grande engano não só das pessoas de uma cultura julgadas pelos critérios de outra, do povo rural julgado pelo povo urbano, do moçambicano pelo português, de uma aldeia julgada em outra, mas é o grande engano de todo e qualquer povo explorado que acreditou na proteção, na ajuda e no conhecimento do explorador, seja ele qual for.

O reconhecimento não da culpa, mas do engano é a própria tomada de consciência dos problemas de sua existência como homem do mundo. E aí o homem se faz homem se condenando, sartreanamente, assumindo o seu próprio ser, se lançando, se fazendo o que escolheu ser. Nesse sentido, o homem livre está condenado. Condenado à liberdade. E não pode ter a defesa de ninguém. Prende-se ele próprio e condena-se ele próprio

A essa altura, o narrador adianta outra parte do problema:

*Nossa voz, cega e rota, já não manda. Ordens só damos nos fracos: mulheres e crianças. Mesmo esses começam a demorar nas obediências. O poder de um pequeno é fazer os outros mais pequenos, pisar os outros como ele próprio é pisado pelos maiores. Rastejar é o serviço das almas. Acostumadas ao chão como podem acreditar no céu? (p. 93)*

Hoje, pós-independência, em Moçambique há muitos problemas a enfrentar. E começa por resgatar a sua própria identidade, o conhecimento de si mesmo. Recuperar também um relacionamento entre os semelhantes marcado não pela exploração um do outro, mas pelo reconhecimento de suas diferenças e do elo que os reúne. Aqui ressaltamos que esse é um problema universal e deve ser encarado por todo e qualquer povo. O indivíduo, ao ser explorado incorpora de tal sorte a exploração que passa também a ser um explorador do mais fraco. Quando não se toma consciência dessa submissão e dessa exploração de si e do outro fica difícil a sua superação.

De volta ao texto:

*Vale a pena ser árvore, Sr. Doutor. Mesmo vou aprender a ser árvore ou talvez pequena erva porque árvore aqui dentro não dá. Porque os Balóii não tentam de ser plantas, verde sossegadas? Assim, eu não precisava matar Carlota. Só lhe desplantava, sem crime, sem culpa. (p. 93)*

De um lado, é difícil resolver essa contradição de alguém que pela aculturação foi perdendo a referência de sua cultura; mas, de outro lado, é, como a árvore no encontro da natureza, a garantia do cosmo vivo, em completa regeneração, em perpétua evolução e em ascensão para o céu. O homem é ascensão, é dinamismo, é mudança, é evolução, é transcendência. De novo é Moçambique, é o homem de todos os cantos da terra.

*(...) só tenho medo de uma coisa: de frio. Toda a vida sofri do frio. Tenho paludismo não é no corpo, é na alma. O calor pode apertar, sempre tenho tremuras. O Bartolomeu, meu cunhado costumava dizer: "fora de casa sempre faz frio". Está certo. Mas eu, Doutor, que casa eu tive? Nenhuma. Terra nua, sem aqui, nem onde. Num lugar assim, sem chegada nem viagem, é preciso aprender espertezas. Não dessas que avançam na escola. Esperteza redonda, esperteza sem trabalho certo nem contrato com ninguém. (p. 94)*

A transformação produz uma ruptura que, num primeiro momento sacode a base, a estrutura presente, que é frágil no sentido de expressar o ser africano. É difícil pensar uma nação num sistema único e fechado nos caminhos do saber, quer seja ocidental ou oriental. Dessa forma, treme o homem africano na grande contradição entre as diferenças aldeãs e o Estado. Há de se recuperá-lo na sua diversidade e a unidade nacional não implica, necessariamente, a extinção do diferente, mas a sua incorporação. Há de se ter "uma esperteza redonda, sem trabalho certo nem contrato com ninguém. Dessas que não se aprende na escola". E é o que faz o nosso literato. Pela sua sensibilidade de artista, ele transcende a parte sistemática das ciências, capta a alma nacional, bebe na fonte de seus mitos e procura vê-la no seu tremor que há de ser esperto no sentido de seu resgate, do reencontro consigo e com o destino nacional.

Desse modo, nosso escritor, faz-se a síntese do quatros tempos da literatura moçambicana. Aqui ele problematiza a nacionalidade. E a caminho dela, a proposta é a luta e o fim é a conquista da terra.

*Minha vida não é um caminho. É uma pedra fechada à espera de ser areia. Vou entrando nos grãos do chão, devagarinho. Quando me quiserem enterrar já eu serei terra. Já que não tive privilégio da minha morte. (Couto, 1987, p. 95)*

E com a consciência de artista da palavra que luta pela consciência da consciência de sua terra, Mia Couto produz algo parecido, no fechamento do extraordinário **Terra sonâmbula**, no capítulo que se chama justamente “As páginas da terra”. Com as suas palavras, terminamos a nossa comunicação.

*(...) Venço o torpor e prossigo ao longo da estrada. Mais adiante segue um miúdo com passo lento. nas suas mãos estão papéis que me são familiares. Me aproximo e com sobressalto, confirmo: Gaspar! E o menino estremece como se nascesse por uma segunda vez. De sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra. (Couto, 1992, p. 244-245)*

### **Referências bibliográficas**

COUTO, Mia. **Vozes anoitecidas**. Lisboa: Caminho, 1987.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. Lisboa: Caminho, 1992.